

AS HISTÓRIAS POR TRÁS DE TODO FERRO DE UMA MÁQUINA DE COSTURA

*Osmar Luiz Dalmaso
(Museu Angelo Spricigo)*

Para se conhecer histórias, é necessário voltar no tempo e construir um início que leve até o presente e então se descortine as névoas que sempre se fizeram como barreiras intransponíveis entre o, talvez, óbvio e o que era desconhecido. Do pó ao pó, do ferro que é formada uma máquina de costura, é preciso que voltemos ao ferro do início para contar que tudo tem inúmeras histórias.

Foi necessário o homem agredir a natureza para que a matéria prima para a história da nossa vedete se concretizasse. Depois de extraído, o ferro foi beneficiado e entregue à indústria. A indústria, por sua vez, por meio de seus funcionários e do seu maquinário, construíram a máquina de costura. Nesse momento a peça ganhou um nome e também uma vida. Os primeiros passos de uma grande, e quase sempre obscura, trajetória.

É interessante notar que nesse pequeno contexto inúmeras histórias aconteceram e começaram a acontecer com a máquina de costura.

*

Um dia, chegou nessa indústria um comerciante. Ele conheceu o produto, analisou e negociou por esse produto e, por fim, transportou a máquina de costura para sua empresa. Organizou-a, de forma estratégica, no melhor lugar da vitrine de sua loja. À peça estava para ser vendida.

E é interessante notar, novamente, que nesse pequeno contexto inúmeras histórias estavam fazendo parte daquela máquina.

Num belo dia, entrou nesse estabelecimento comercial uma costureira. Ela já tinha olhado à máquina de costura na vitrine. Agora estava frente a frente com seu desejo de consumo. A costureira olhou, observou mais de perto, apalpou, mudou de lado e analisou todos os detalhes e componentes. Por fim abriu um sorriso e comprou a máquina de costura, transportando-a em seguida para sua residência. E, com a nova peça, começou a fazer pequenos trabalhos e grandes trabalhos. Em cada pequeno trabalho, inúmeras histórias começaram a se apresentar. E em cada grande trabalho também inúmeras histórias se mostravam. A máquina de costura começou a participar, ajudar, transformar os desejos das pessoas em realidade.

E nesse contexto, inúmeras histórias passaram a ganhar vida e se tornarem realidade para as clientes, para a costureira e para a máquina de costura.

E a história continua porque um dia essa máquina de costura, ou ela foi vendida ou ela foi doada. E a segunda dona dessa peça também começou a fazer pequenos trabalhos e grandes trabalhos. E por traz desses pequenos ou grandes trabalhos, inúmeras necessidades e motivos para que fossem feitos os trabalhos. E em todos eles, a máquina de costura estava desempenhando o seu papel de permitir com que problemas fossem resolvidos, com que sonhos fossem realizados ou que momentos indesejados tivessem que ser suportados. E essa máquina de costura, talvez, passou por uma terceira dona, ou quarta dona e até uma possível quinta dona.

E a história continua porque um dia a máquina de costura não teve mais utilidade para a dona do teto onde ela estava abrigada e protegida. E então essa peça foi colocada de lado, perdendo sua serventia. Passou a ser um brinquedo para as brincadeiras de alguém que sequer sabia de seu significado e histórias, ou passou a servir de suporte para algo que tinha mais beleza e precisava ser mais bem destacado, ou simplesmente foi colocada em um ambiente onde os objetos desnecessários ficam quando se tornam um estorvo, mas não se quer eliminar porque existe um resquício de compaixão. Ou, de forma mais abrupta e sem sentimentos, jogada em um lugar que não existe vida esperando que alguém, um dia, leve-a e faça voltar ao ferro o que era ferro bruto.

E nesse momento, entra em cena o museu. Esse ambiente que é detentor de um poder único e mágico: o poder do museu. Esse poder que permite com que todas as histórias sempre estejam em continuidade, em desfile para o nosso conhecimento.

Essa máquina de costura, ela é doada para o museu. A primeira atitude é receber com muito amor e carinho essa nova peça para o acervo. Ver o seu estado e consertar possíveis danos que a máquina de costura apresente. E então, tal qual um Sherlock Holmes, investigar todo o seu passado em busca de todas as suas pegadas para que unidas elas permitam conhecer e escrever para contar as histórias pelas quais essa peça passou aos visitantes do museu.

E quando começamos a entrevistar seus donos, nós começamos a entrar em um mundo repleto de histórias que parecem estar em ebulição para serem contadas. Algumas estão envoltas com finais felizes, engraçados, surpreendente e até não sabermos de todas elas, parece que estamos entorpecidos e temos a existência apenas para aquele propósito. E quando ouvimos tudo, as palavras digitadas no documento parecem não querer parar de serem escritas, pois parece que cada uma necessita estar presente para dar sempre mais veracidade e corpo a um texto que se tornará imortal. E todas as histórias começam com a frase “essa máquina de costura tem uma história muito linda”.

Essa máquina de costura tem uma história muito linda. O seu nome é Crosstar. Um dia um pai foi até um comércio na cidade de Concórdia. Esse comércio era de propriedade do Sr. Caetano

Chiuchetta e vendia inúmeros produtos. O pai foi comprar uma máquina de costura, pois uma de suas filhas, a Lorena, iria se casar e, naquela época, os pais eram responsáveis por providenciar o enxoval da filha. E, dentre os itens que a filha levava para seu novo lar, estava a máquina de costura. Pois a filha, após receber os ensinamentos de costura da mãe, deveria prover para a nova família as peças de roupa.

A Lorena se casou e foi morar com seu marido em uma nova casa começando uma nova vida a dois. Todas as noites, após o jantar, a esposa consertava ou fazia novas peças de roupa. Ou até mesmo já estava fazendo trabalhos em sua máquina para outras pessoas.

Um dia a costureira ganhou, em uma rifa, uma máquina de costura. E já definiu que não tinha intenção de ficar com duas máquinas de costura. Decidiu vender a Crosstar, que passou a residir sob outro teto com uma nova dona: a Josefina.

Da mesma forma, a máquina de costura fazia parte do dia a dia da Josefina. Consertos, remendos, talvez pedidos e, conseqüentemente, um acréscimo no orçamento. Porém chegou um dia em que a sogra da nova dona faleceu. E casualmente a máquina de costura que pertencia à falecida passou a ser de propriedade da segunda dona da Crosstar. Da mesma forma, essa costureira não tinha a necessidade de possuir duas máquinas de costura e acabou vendendo a peça.

Pela terceira vez, a máquina passou a pertencer a uma nova costureira que morava no interior da cidade, a Santa. Enquanto o casal tinha forças trabalharam no interior, enquanto a Crosstar fazia todos os remendos e novas peças para tantos acontecimentos. Um dia o casal resolveu vender a propriedade e morar na cidade. No seu novo estilo de vida, a costureira logo percebeu que a máquina de costura não teria mais serventia, pois era muito fácil comprar novas peças de roupa. E por que remendar uma roupa que havia se rasgado quando se podia comprar uma nova e descartar a velha? A máquina de costura Crosstar foi deixada de lado e passou a ser objeto de brincadeiras do filho do casal. Com a grande roda da máquina, o menino gostava de se imaginar dirigindo um carro, ônibus ou carreta pelas estradas da sua imaginação.

Um dia a Santa ficou sabendo que existia na cidade um museu que colecionava máquinas de costura e decidiu doar a sua Crosstar. O menino sequer sentiu a falta da máquina, pois tinha tantos outros brinquedos para brincar. Mas um dia ele foi com seus colegas de classe visitar o museu. Quando ele parou em frente à Crosstar ficou se perguntando: será a máquina de minha mãe? Era essa máquina que eu brincava de dirigir? Para responder suas perguntas, o menino pediu para olhar na lateral direita da máquina de costura. E então a magia da máquina de costura Crosstar com suas histórias impregnadas se mostrou. Lá estava registrada a prova. Sempre que ele mascava um chiclete costumava apertar as figurinhas para que o desenho se transferisse para a madeira da máquina. E lá estavam todas as figurinhas de seus chicletes. Então o sorriso se abriu por ter reconhecido a companheira de suas brincadeiras.

*

Essa máquina de costura tem uma história muito linda. Seu nome é Singer. Célio e Wanda possuíam, em 1956, uma alfaiataria com o nome de Alfaiataria Aurora. O Célio era alfaiate de profissão e a Wanda aprendeu com a mãe a arte da costura ainda quando era menina.

O casamento do casal durou apenas dois anos e Wanda, ao se separar, levou apenas a máquina de costura Singer. Wanda voltou para a casa dos pais com a filha e, juntamente com a mãe, começou a costurar para ganhar dinheiro e sustentar a filha. As costuras envolviam vestidos para festas e bailes, vestidos para casamento além de Wanda ter a habilidade de reconstruir modelos que saíam nas revistas de moda da época e que encantavam as mulheres da alta sociedade.

Wanda tinha muito carinho e era muito dedicada aos trabalhos fazendo com que todos os pedidos fossem entregues no prazo e sempre com a satisfação das clientes que aumentava a cada dia.

A costureira conseguiu, através da costura, sustentar e dar estudos para a filha e também conseguiu comprar uma casa para onde se mudou.

Quis o destino que em 1971 Wanda encontrasse um companheiro. Ele era caminhoneiro e infelizmente não viveram muito tempo juntos. Em 1975 um acidente lhe tirou a vida e novamente a costureira ficou sozinha. Porém o companheiro lhe deixou uma boa pensão fazendo com que Wanda não mais precisasse costurar para ganhar seu sustento. As costuras, então, passaram a ser feitas pela máquina de costura Singer para pequenos consertos que ela fazia em suas peças de roupa ou nas da filha.

Após tantos trabalhos executados para tantas clientes, a Singer foi tendo um merecido descanso, sendo cuidada por muitos anos como uma joia da família. A filha conheceu o Museu Angelo Spricigo e a coleção de máquinas de costura pela internet e decidiu doar a Singer para o acervo fazendo com que a história da costureira Wanda fosse contada para os visitantes que vierem ao museu.

*

Essa terceira máquina de costura também possui uma história muito linda. Seu nome é Pfaff. O dono dessa máquina, Sr. Orlando, ficou órfão de pai quando tinha apenas dez anos de idade. Além disso, sua mãe estava esperando mais um filho. As dificuldades econômicas que se apresentavam fizeram com que Orlando começasse a trabalhar para ajudar a sustentar a família sem ter a possibilidade de escolher o trabalho. Por essa razão concluiu apenas o primário.

Mas o fato de não estar em sala de aula não impediu Orlando de ser um apaixonado pelas leituras em jornais e revistas, pois gostava muito de estar informado sobre os acontecimentos políticos nacionais e internacionais e as reportagens sociais.

Uma grande chance apareceu quando foi convidado a ser ajudante e aprendiz de alfaiate em uma alfaiataria. Determinado, decidiu aprender o ofício da costura e delimitou que a alfaiataria seria a sua profissão dedicando-se pelo resto de sua vida.

Com 22 anos, Orlando mudou-se para Santos e conseguiu conciliar uma grande paixão que tinha: a natação. Era um exímio nadador e foi na praia que o alfaiate conheceu Wilma, sua esposa. Depois de Santos foi morar na capital paulista onde continuou trabalhando como funcionário em uma alfaiataria e vendedor de tecidos no interior do estado.

Depois de alguns anos, com o dinheiro que guardou, comprou a Pfaff e montou sua própria alfaiataria. As filhas começaram a nascer e Orlando trabalhava intensamente para sustentar sua família. Possuía uma mão muito boa para a costura e com isso conseguiu muitos clientes que faziam ou concertavam suas roupas somente com o alfaiate Orlando e sua máquina de costura Pfaff.

Conseguiu com isso sustentar e dar estudo para suas quatro filhas, as quais sempre presenciaram o pai trabalhando em sua fiel, azeitada e sempre bem cuidada máquina de costura Pfaff.

Orlando morreu com 92 anos de idade. As filhas entenderam que o melhor lugar para a companheira inseparável do alfaiate seria o Museu Angelo Spricigo.

Hoje a Pfaff do Sr. Orlando se encontra entre tantas outras companheiras, mas somente ela pode contar a história do alfaiate que começou cedo e se apaixonou pela costura.

Do ferro bruto e depois transformado em uma máquina de costura. De tantas e tantas histórias presenciadas e ajudas. Quantos cantos claros ou escuros. Mas no final, o ápice da história da peça encontra um final feliz junto a tantas centenas de outras que possuem, agora, o seu céu particular: Museu Angelo Spricigo.